

377
C

Luci
até 15/4

"SULÁLIA"

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ANTONIO DE AQUINO MIRANDA
(ANTONIO MIRANDA)

"EULÁLIA"

- PERSONAGENS: - Escritor (35/40 anos)
- CENA: - Gabinete de Trabalho do Escritor.
(Ao fundo, imensa e comprida estante com diversas prateleiras cheias de livros postos desarrumadamente; à frente da estante, à direita, mesa baixa com abajour tendo ao lado um sofá; à esquerda, mesa de trabalho com máquina datilográfica e diversos papéis branco espalhados, seguida por uma cadeira. Sobre o piso tapete de pelo alto na cor escura.)
- AÇÃO: - Noite alta.
- ÉPOCA: - Atual.

ANTONIO DE ALUIRO MIRANDA
(ANTONIO MIRANDA)

-(Acende-se a luz do abajour. O escritor está sentado no sofá, tendo em uma das mãos diversos papéis branco datilografados.)-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ESCRITOR - Que cansaço.

Ai! que tudo isso é casativo, desagradável.

Eu,

logo eu,

um engajado artístico, um autor, um escritor, me
sentindo um caos,

um caos de impulsos desorientados,

A única explicação é que isso só pode estar sendo
provocado por essa fronteiri
ra invisível da minha ex-
trema lucidez com a minha
total loucura.

Só pode ser. Nada mais do que isso.

(irritado)

Pra que? Pra que?

Pra que que eu tinha que ir naquela casa e conhe-
cer Sulália? - aquela prog
tituta!

Pra que? Pra que?

(acalmendo-se, desabafando)

Ela nem se lembra mais de mim. Tantos homens naque-
la casa, tanto reboliço.

Nem sequer eu passo pela cabeça dela.

(com naturalidade, desfolhando os papéis branco da-
tilografados)

Como sempre

devo me preocupar unicamente com o meu trabalho - a
minha opção de vida. O resto
é bobagem.

Meus textos tem que ter as qualidades de todas as
fantasias!

e do mais sujo e sórdido sentimento.

Minha obra não pode ser consumida pela razão. Ja-
mais! Jamais!

(relaxando-se no sofá, doce e sonhador, com ternura)

E eu...

e eu me apaixonei por Sulália.

Ah!, Sulália, Sulália, ...

Minha doce e amada Sulália.

(sorrindo) A minha Sulália de todos os meus carinhos,
de todos os meus amores,

(sem sorriso) de todas as minhas forças,

de todos os meus desejos,

(furioso, ritmo acelerado crescente) de todos os
meus gôzos!, da minha bruta-
lidade!, DA MINHA BESTIALIDA-
DE!!

(assusta-se consigo mesmo, levanta-se e atira todos
os papéis para trás, gritando) UE ABSURDO! UE AB-
SURDO! UE ABSURDO!

(tempo: passes as mãos no rosto, horrorizado, tor-
nando a falar em ritmo acelerado)

Ai! Ai que eu preciso ser consciente, racional, sá-
bio! Não posso me deixar le-
var por esses pensamentos que
não quero!

Eu preciso me anular. Tenho que estar, tenho que es-
tar desavergonhadamente li-
vre! Livre!

Preciso recuar diante dessa situação vital. Senão,
senão é o fim! O fim!

e tudo isso,

e tudo isso é como um abcesso que não pára de cresc-
er - cada vez fede mais!
Mais! Mais! Mais! É como se
eu estivesse entrando para
dentro de um buraco,

um buraco sujo, imundo,

sem fim, sem fundo.

(põe uma das mãos na nuca como se tentasse coordenar seus pensamentos)

Não, não! Não, não, não! De jeito nenhum! Agora não!
(passa as mãos no rosto) Agora não. Eu não posso eu
não devo.

(tempo: põe as mãos no bolso andando de um lado para outro e tenta falar com naturalidade)

Antes,

antes eu era um escritor sem preconceitos,
independente, cabeça feita.

Um autor com orgulho de si mesmo, um autor que põe
nos palcos os espelho,

o espelho dessa sociedade corrupta e infeliz que está
tentando me arrastar e me
prender na sua teia, nojenta!
Mas, (sorrindo)

Ah!, a mim não! Ah! essa não!

(com naturalidade, pára diante da platéia, sorrindo)

si,

si Sulália me disse:

(surpreso, sem sorriso)

Será que o nome dela é Sulália mesmo?

(bate com umadas mãos na testa, abre os braços e desabafa)

Ora, ora! Como eu sou idiota! Panacasi! (fechando as

mãos no rosto) Que horror!

Como eu fui vulgar, comum! Meu Deus, quanta promiscuidade! Quanta decadência!
Como é que eu pude me despedaçar?! Como?!

Que vergonha! Que vergonha!

(sem saber como se defrontar consigo mesmo, sempre amargo)

E agora,

e agora me sinto como um rato de igreja - esguero-
so, babado, rôxo de fome,
cheirando (imita) cheirando
todos os restos podres.

(desabafa, tentando se acalmar)

Só,

só que não consigo deixar de pensar.

Que mesquinhez! Eu aqui preocupado com os meus de
feitos sentimentais enquan-
to que o mundo está pro in-
ferno, pras cucuias!

Só que eu não consigo deixar de pensar.

(mãos postas, olhar para o alto, suplicante, como se fizesse uma prece)

A inspiração

comporta-se modestamente diante das exigências da
realidade, eu sei, eu sei.

A interressitura de um texto

é completada pela tessitura poética,

pela tessitura dos sentimentos expressos nas frases

e pelos versos

como também pela música inaudível que flui da inter

pretação dos atores

que também é uma tessitura que forma a comunicação

que se pretende dar à platéia

que culmina com o aplauso!

ou pela vaia que não deixa de ser um aplauso!

(encolhe os ombros abrindo os braços, com ironia, sem

parar de falar)

Só que eu prefiro ser vaiado no Municipal do que ser

aplaudido no Teatro de Cacimb

nhas!! É!

(arrepende-se)

Não, não! que besteira!... Já nem sei mais o que di-

go.

Na verdade eu quero o aplauso sempre!, nem que seja

no picadeiro do mais pobre e

decadente cirquinho!

Só que a minha fantasia tem que prestar contas à mi
nha razão! Ora essa! Onde é
que nós estamos?!

(tempo: pára de frente para a platéia, assumindo a
posição de quem profere um
discurso)

Su me confesso: -

Senhoras e Senhores;

Ilustríssimos senhores fantasmas que me assessoram:

- Su sou aquele pelo qual as mulheres se matam,
por amor aos outros homens!

Antérro e missa de sétimo dia, sou eu que pago.

Quando quero alegrias, tenho que pagar! - Tristezas
eu tenho de graça!

(com a maior naturalidade, em voz alta, como se ven-
desse uma mercadoa! qualquer em feira livre)

EULÁLIA: EULÁLIA POR QUINHENTINHO: QUEM VAI?

EULÁLIA:, O NOVO LANÇAMENTO DO MERCADO DAS BRUÇAS;

POR MAIS QUINHENTINHO LEVA UM KILO DE AMOR; CARÍCIAS

E CARINHOS POR CANSINHO: QUEM

VAI? QUEM VAI? A ESCOLHER;

O MÊDO VOCÊ LEVA DE BRINDE;

EULÁLIA: EULÁLIA POR QUINHENTINHO: QUEM VAI?

(pára de falar em voz alta, agora irônico)

Eulália,

com tantos homens assim,

quando você morrer vai faltar alça no caixão, Eulá-

lia! (gargalhada)

(tempo: cai em si, olhando em volta, decepcionado)

Isso não é nada teatral. Nada. Isso,

é o que chamamos de ...

arroubo de loucura! Isso. Arroubo de loucura!

que desatino! Ai! que desatino! que de-sa-ti-no!

Aliás,

é assim que terminam todas as paixões - num doloro-

so e angustiante fiasco! O

gôzo transformado em ansieda-

de, necessidade fisiológica;

o amor em deboche!

Ironia. Ironia. Pura ironia.

Só que eu não fiz voto de miséria, pobreza, de coi-

sa alguma pra entrar numa des-

sa!

(tempo: vai até a mesa de trabalho e olha em volta,

coça a cabeça e volta, ficando de frente para a pla-

téia, com naturalidade fazendo sua narrativa com su-

avidade, sorrindo ternamente.)

em nosso única noite de amor,

ela me disse que queria estar comigo onde os sonhos

nos alcançasse. E eu respondi
que em todos os dias iria colher as gotas de orvalho
para iluminar as nossas no
tes de amor com as luzes de
cristal. que em todas as ma-
nhãs teríamos o direito de a-
pagarmos as luzes das estrê-
las e...

(perdendo a suavidade e o sorriso, com amargor)

Não! Não! Digam que tudo isso é mentira! que nada dis
so aconteceu! (em ritmo accele-
rado) Puxa! Como eu sou raste-
jante!, pequeno! Onde é que
eu estava com a cabeça?! Onde?
só podia estar louco!, maní-
co, alucinado!

(com as mãos fechadas na cabeça)

Porque? Pra que? Pra que que eu tinha que conhecer
Eulália? - se é que esse é
o nome dela.

(com revolta)

Isso não é vida! Isso não é vida! É um purgatório!!!
Um purgatório da pior quinta
qualidade! Me deixei levar pg

los meus instintos! Os meus
mais beixos e vergonhosos
instintos! Ela foi maior do
que eu!

Qualquer dia pego uma faca e...!

(arrependo-se)

Não, não. De jeito nenhum. Vai doer muito. E depois?

Como é que eu fico?

(com naturalidade em sua realidade)

Eu, um artista desmontado como se fosse uma marionete!

Mulher só dá confusão.

Se a gente a ama

tem que demonstrar que a despreza, tratá-la aos pontapés, como ela gosta. Carinho nunca!

E temos que ser assim - amar odiando odiando com amor, numa dança doida.

E tudo isso do fundo do fígado! Sim,
porque não há coração de resistir!

Eu sabendo de tudo isso com Sulália fiz exatamente
ao contrário; era só pagar e
ir embora. Mas não. Me comparei
como um cavalo bêbado que ga-

lopa em todas as direções ao
mesmo tempo, menos nessa.

(sorriso largo, alegria forçada numa mistura de ironia com cinismo)

A minha vingança, Sulália,

é que nêsse momento você deve estar sendo amada por
um anão - um ridículo e desprezível anão! (risos) Um anão
perdido sobre você,

dizendo todas aquelas coisas que você não gosta de
ouvir, que você jamais pensou
em ouvir e que eu não disse.
(risos)

E depois,

ele só vai te pagar com cruzeiros (risos)
com cruzeiros porque não tem mais dinheiro! (risos)
E ainda (risos)
e ainda vai te cuspir na cara! (risos)
(profundamente-amargo com risos e soluços)

Afinal de contas, Sulália,

você é uma mulher de horário integral,
de alta rotatividade,

que tem que faturar! Droga!

(soluçando sem sorrisos e risos)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

E depois, Sulália,
o anão vai ficar pior do que eu,
que não sou anão,
não te paguei cemcruzeiros
e nem te cuspi na cara!
Eu que dei o melhor de mim pra você!
só que ele,
ele vai ter coragem de te procurar
- eu não.

(descobrimdo-se, aos prantos, sorriso forçado)

É isso! É isso! Você é a personagem que eu procurava!

A personagem do meu melhor tra-
balho!(correndo para a mesa,
sentando-se, tentando por pe-
pel na máquina, desistindo) A
minha obra máxima! - Um homem
culto perdidamente apaixonado
por uma prostituta! - uma per-
dida!

(pranto convulsivo, com algum sorriso forçado, mergu-
lhado em profunda tristeza misturada com amargura)

Sulália,

a mulher de todos os expedientes, ...

de todos os sonhos e devaneios ...

de todos os homens solitários ...

de todos os amores solitários, ...

(aos prantos e aos gritos com sua cabeça que cai sobre a máquina, abraçando-se à ela)

SULÁLIA! ...

SULÁLIA! SULÁLIA! ...

-(Apagam-se as luzes - Fecham-se as cortinas.)-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Rio